

INTRODUÇÃO

Desprovida de representações credíveis, a grande urgência do presente encontra-se hoje seriamente comprometida. Vivemos um tempo em que as convicções se tornam moles e perdem os seus contornos. Os grandes dramas humanos são por nós mais teatralizados que pensados. Os nossos gestos são mais uma confissão de culpa e de impotência que a expressão de uma atitude solidária. A comunidade humana aproxima-se da ficção: nela cada vez mais se diz o que já se não faz.

Ao iniciarmos Comunicação e Sociedade (uma série de Comunicação nos Cadernos do Noroeste) não queremos reduzir a comunicação a uma «arte de bem comunicar», sem memória, sem compromisso, sem consciência. É nosso intuito favorecer o debate científico e democrático, com um espírito de rigor e de exigência, numa área das ciências sociais e humanas, de constituição relativamente recente, que compreende o estudo dos actos de comunicação socialmente elaborados, as significações neles inscritas, as relações e os fenómenos cognitivos que eles exigem, as representações socialmente partilhadas que lhes estão associadas e os efeitos destas representações nas relações sociais.

Numa sociedade que procura a sua identidade numa entrega cada vez mais obsessiva ao paradigma comunicacional, o itinerário que traçamos é o de responder o melhor que pudermos à inquietação de sabermos o que é que se passa hoje entre nós, nas conversas diárias, nos gestos da convivialidade, na projecção colectiva de espaços, imagens e figuras, nas formas de vestir, ornamentar e modelar os corpos, nas narrativas míticas que os media não se cansam de ampliar, nas interações formais e informais dos contextos organizacionais, na multiplicidade dos entrançados de redes de informação movidas pela electrónica e pela informática, enfim, nas sinalizações das ruas, casas, praças e jardins.

Firmamos entretanto um compromisso com a crítica dialógica nos vários níveis de comunicação em que situamos as nossas preocupações. Tanto no

que respeita à experiência da comunicação corrente, como à prática da comunicação dos profissionais dos media, das organizações e da educação, como ainda à teorização dos investigadores em comunicação, agiremos em favor de uma comunicação essencial, múltipla, irreduzível e comunitária, desalojando dos seus nichos a comunicação pontual, funcional, potente e performante. Poremos assim em jogo na palavra os nossos procedimentos sociológicos, linguísticos, semiológicos, psicossociológicos, ou outros, submetendo-os à nossa dúvida e à réplica de todos.

MOISÉS MARTINS